

MINHA HISTÓRIA COMEÇA NA LUA CHEIA E TERMINA ANTES DO FIM: CANTOS DE MORTE NOS ESCRITOS DE TORQUATO NETO (1944-1972)*

FÁBIO LEONARDO CASTELO BRANCO BRITO¹
EDWAR DE ALENCAR CASTELO BRANCO²

RESUMO: Este trabalho procura enxergar Torquato Neto dentro de um labirinto lingüístico no interior do qual o trágico poeta tropicalista d’*Os Últimos Dias de Paupéria* erigiria a noção *palavra-cilada*. O principal argumento do estudo é a abordagem da idéia de morte, espécie de *ritornelo* que articula boa parte da obra torquateana. Para a realização do trabalho foram historicamente apropriados poemas, músicas e escritos pessoais, registrados em diários, breves anotações em cadernos e, bem como, correspondências trocadas com personalidades como Hélio Oiticica. Conclusivamente propomos que Torquato Neto, sujeito errante aprisionado nas ciladas da linguagem, anunciou, desde o começo de sua produção intelectual, sua própria finitude.

PALAVRAS-CHAVE: História. Linguagem. Morte. Torquato Neto.

**Conheço bem minha história
Começa na lua cheia
E termina antes do fim
Torquato Neto – Marginalia II**

Rio de Janeiro, 9 horas da manhã de quinta-feira, 09 de setembro de 1972. O telefone eclode, sucessivamente, nas casas de Lena Rios, Renato Piau e Luiz Otávio Pimentel. Do outro lado da linha, um Torquato aparentemente feliz formula convite para, na companhia destes amigos, comemorar o seu vigésimo oitavo aniversário. Lena e Renato, ela cantora e ele músico. são piauienses como Torquato e, por influência deste, moram há pouco tempo no Rio de Janeiro, onde tentam conduzir suas carreiras. Luiz Otávio Pimentel, cineasta, dirigira no ano anterior o filme *Dirce e Helô* (para alguns, *Helô e Dirce*), com Torquato no elenco. Convite aceito, transitam por vários bares entre o Leme e Copacabana. Em “copa” comem bolinhos e bebericam taças de chope, enquanto perambulam entre os Postos 1 e 6. A companheira de Torquato, Ana Maria, tendo que cuidar do pequeno Thiago e desvencilhar-se de obrigações profissionais, ficara em casa e, por consequência, desfalcava o grupo.

* Este texto é parte de um trabalho mais amplo desenvolvido entre 2011 e 2012, em nível de Mestrado, junto ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI, o qual contou com apoio financeiro do CNPq e da CAPES, através da concessão, respectivamente, de Bolsa de Produtividade em Pesquisa e de Bolsa de Mestrado.

¹ Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. Docente na Universidade Estadual do Piauí. Membro do GT “História, Cultura e Subjetividade” (CNPq/Lattes). E-mail: fabioleobrito@hotmail.com.

² Doutor em História. Pesquisador do CNPq. Professor Associado na Universidade Federal do Piauí. Líder do GT “História, Cultura e Subjetividade” (CNPq/Lattes). E-mail: edwar2005@uol.com.br.

O trânsito comemorativo entre bares cariocas durou quase vinte e quatro horas. Apenas por volta das 4 horas da madrugada despediram-se e retornaram a seus apartamentos. Em casa, Torquato ainda ficou conversando com Ana até a insinuação dos primeiros raios de sol daquele fatídico dia 10 de setembro de 1972. Próximo das seis horas da manhã, quando Ana, exausta, decide acompanhar o pequeno Thiago, que já dormia, Torquato, “Não conseguindo firmar uma armistício consigo próprio, suicidado pela paráfrase, botou fogo no circo do corpo” (SALOMÃO, 1995: 13): apossou-se de um lençol, entrou no banheiro, vedou cuidadosamente todas as saídas de ar, fez a barba e serenamente abriu a torneira de gás. A morte, por asfixia, fez-se certa. A notícia, profundamente surpreendente apesar de exaustivamente anunciada, chegaria a Lena Rios, através de Ana Maria, cerca de uma hora depois.

Foi uma das primeiras ligações que ela fez para comunicar a morte dele. Enlouqueci, bati o telefone (que não quebrou, graças a Deus), e, depois de muito lutar para ficar legal, liguei imediatamente para minha mãe e para o Nonato Buzar, entre outras pessoas do nosso convívio. Foi quando chegou o Carlos Imperial, que não queria que eu fosse para o IML. Eu dei um escândalo danado. Pensei em me jogar lá embaixo, pela janela do apartamento. Mas eu me acalmei um pouco e fomos, então, eu, a mãe Helena e o Nonato Buzar de táxi. Estava um dia chuvoso, um dia triste. O Rio de Janeiro estava nublado. Um clima angustiante. Quando chegamos ao IML, no centro, pelas bandas da Gomes Freire, Frei Caneca, Lapa, por ali, o Nonato Buzar me disse que o corpo de Torquato Neto já estava na Capela Santa Teresinha, ali na Praça do Marti, perto do Corpo de Bombeiros, no centro velho do Rio de Janeiro. Quando eu cheguei lá, fiquei mais de três horas esperando e nada. Foi quando o Nonato Buzar me disse que o corpo do Torquato Neto ainda estava no IML e que não quis que eu subisse para não vê-lo todo aberto. Ele queria que eu tivesse uma lembrança do Torquato Neto vivo, bonito, maravilhoso, e não daquele jeito, com as vísceras de fora, todo cortado. Um jornal carioca noticiou que o Nonato Buzar passou mal no IML e que foi levado pro Prontocor... Mas, eu não posso dizer nada, pois, na Capela Santa Teresinha, eu desmaiei. Quando acordei, já estava na casa do Carlos Imperial. De lá me levaram para um hospital ali perto. Doparam-me e fui levada de novo para a casa do Carlos Imperial. Às 8 horas do dia seguinte, me disseram que o corpo do Torquato Neto já havia sido enterrado no Cemitério São José, em Teresina. Eu não consegui ver o Torquato Neto no caixão e não pude ir ao enterro dele. Mas, depois, fiquei sabendo de tudo por intermédio dos amigos comuns. E ainda hoje guardo na lembrança, como se fosse um filme, toda a seqüência da morte e do enterro dele (RIOS, Apud KRUEL, 2008:107).

O relato é de alguém que indiscutivelmente ocupou posição de destaque entre aqueles que conviveram com Torquato Neto no início dos anos 1970. Para Torquato a voz potente de Lena Rios não merecia ser sufocado por um talento mal explorado e desperdiçado em Teresina. Em uma de suas idas à cidade, acabaria por convencê-la a vir morar no Rio de

Janeiro. Amparada nas relações e no prestígio de Torquato Neto e cantando canções de Jard's Macalé, Wally Salomão, Carlos Pinto e do próprio Torquato, Lena Rios se tornaria atração recorrente nas principais casas noturnas do Rio de Janeiro. Ainda em 1970 assinaria contrato com a então prestigiadíssima gravadora Philipis. Na sua coluna no Jornal Última Hora, em dezembro de 1971 Torquato anuncia, referindo-se a Lena Rios, o desejo da Philipis de lançar “uma nova cantora num compacto pra estourar em plena batalha do carnaval” (TORQUATO NETO, 1982: 191). Poucos dias depois, noticiaria que o disco de Lena Rios sairia nos primeiros dias de fevereiro de 1972. Apenas depois de sua aparição no polêmico e ainda hoje obscuro VII Festival Internacional da Canção (FIC), defendendo o rock de Raul Seixas, o disco tão aguardado pelo poeta sairia. Mas, como tinha pressa, à essa época Torquato já abrira o gás.

Torquato Pereira de Araújo Neto nasceu em Teresina, bucólica capital do Estado do Piauí, no início da década de 1940. Ao nascer, o avô que lhe daria o nome era um estrelado oficial da policia militar do Estado, chegando inclusive a ser Chefe da Casa Militar do Governo estadual. Seu pai, por sua vez, era um igualmente bem sucedido promotor público. A mãe, dona Salomé Nunes, foi professora primária e, na década de sessenta, chegou a atuar como secretária em uma emissora de rádio de Teresina. O menino Torquato, portanto, era um típico filho da Classe Média piauiense e, desse ponto de vista, tudo tinha para atingir o sonho acalentado por seus pais e por ele próprio de vir, um dia, a seguir a carreira de embaixador.

Mas um espectro (...) rondava a vida deste menino. Tânato³ acompanhava seus passos e mirava suas precoces artes & manhas, sendo, inclusive, motivação para muitas delas. Se o poemário de Torquato Neto apresenta uma série de referências, diretas ou indiretas, à ideia da morte, seus escritos mais pessoais e intimistas, em especial os diários, que se tornaram abertos ao grande público, contém essa ideia em sua quase totalidade. A finitude é uma sensação que paira sobre Torquato e delinea em muito os caminhos que toma, principalmente, no final da década de 1960 e início dos anos 1970. Embora seja um caminho infalível, a única certeza humana, a morte se nos apresenta como o inominável (CERTEAU, 1994). Historicizá-la é escrever sobre um objeto ao qual evitamos e sobre o qual nos negamos até mesmo a pensar.

³ Na mitologia grega, Tânato, ou Tânatos, é a representação da morte. Se Hades governava os Infernos, Tânato representava a finitude humana. Para a Psicanálise, Tânato representa o “pulsar da morte”, ou o senso autodestrutivo presente nos seres humanos.

Isto porque escrever sobre a morte é tornar presente uma escritura que só tem sentido fora de si mesma, no lugar do outro, que a ressignifica de forma confortadora à sua própria realidade. O gesto de escrever, ao moribundo, significa o de ressonar e prescrever seus desejos, fazendo sinais aos seus contemporâneos, para que os captem e os pratiquem:

Desta maneira, a morte que não se diz pode escrever-se e encontrar uma linguagem, justamente quando, nesse trabalho de despesa, volta sempre novamente a necessidade de possuir pela voz, de negar o limite do intransponível, que articula entre si presenças diferentes, de esquecer num saber a fragilidade que é instaurada em cada lugar por sua relação com o outro (CERTEAU, 1994:299).

Fato é que Torquato escreve. E o faz compulsivamente. Desde os seus primeiros escritos, recentemente nomeados *Juvenílias* (2012), carimba-os com o signo da morte. “Há urubus no telhado e a carne seca é servida”, cantaria em *Todo Dia é Dia D*, apenas um dos muitos escritos em que a morte baila como uma referência em torno da qual o poeta vai constituindo sua poesia contraditoriamente colorida e angustiada. E por que escreve? Porque escrevemos? Que papel cumpre para nós este ato tão antigo de expressar em palavras o que seria apenas pensamento?

Embora, ao escrever, estejamos pretensamente exprimindo o pensamento e a vida, podemos também através dela ir além do pensamento e da própria vida: a escritura seria ultrapassamento das condições em que nos encontramos, seria a transgressão do pensamento e da vida tal como se nos afigura no presente, no cotidiano, no funcionar repetitivo da sociedade. A escrita não seria apenas a experimentação do que se passa na vida e a sua tradução no pensamento, não seria representada apenas por aquelas figuras da escrita marcadas pelo reconhecimento de uma memória, de uma experiência, de uma trajetória, de um si mesmo, de um sujeito, mas a escrita também seria a possibilidade de se apartar de si mesmo, de se perder, de se desconhecer, de experimentar o que está para além da memória e da história, a experimentação permanente do indeterminado, do indefinido, do incondicionado. A escrita pode ser um exercício de desprendimento da vida ou do pensamento tal como estão definidos e estruturados numa dada época. Escrever pode ser colocar a vida no pensamento, no sentido de procurar dar a ela a sua melhor representação, pode ser a busca da mimeses, da cópia da vida no pensamento, mas pode ser colocar a vida no pensamento, no sentido desta servir de teste, de servir de desafio ao próprio pensamento, uma vida que se escreve para desafiar o pensamento, para incitá-lo a se ultrapassar. Ao invés da busca do pensamento adequado, a descoberta da inadequação das palavras, dos conceitos, dos enunciados para dizer a vida. A vida como desafio ao pensamento que leva a uma outra escrita, a uma outra forma de escrever (ALBUQUERQUE JR, 2008: 36).

Para o caso de Torquato Neto, Castelo Branco afirma ser “impossível ler uma linha sequer de seus escritos [...] sem pensar que ele se matou, sem concluir que o suicídio precedeu sua obra” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 158-159). De fato, o “morrer” se apresenta a

Torquato Neto como uma alternativa para a destruição dos imprevisíveis significados da linguagem, ao qual se via submetido, e do qual se sentia refém. Pertence a ele uma aura ultrarromântica, onde articula a arte intensa de viver e o desejo de morrer.

Em muitos textos de Torquato é possível notar que a morte, como tantas outras coisas que compõem suas matérias de expressão, tem um caráter polissêmico, que se manifesta de maneira metamórfica em situações as mais distintas. Juntamente com a já referida série de escritos, onde Torquato, em sua fase inicial enquanto poeta, dialoga com uma multiplicidade de formações linguísticas, constam textos onde também aparece a sombra da finitude. Em alguns deles, como no excerto colocado abaixo, esta sombra aparece relacionando-se com a distância existente entre os seus pensamentos e da maioria das pessoas com quem ele então convive:

*Estão guardando em mim o olhar
e o falar. Mas não saem
Trancados em sete portas
e não saem, não têm as chaves necessárias
ou a equivalente ousadia.*

*Submeto-me às restrições dessas certezas
e pronto: eu, como não o desejaria nunca a minha mãe
Mas eu, como o quero e sou
por isso o eu diferente e inaceitável
escondido nas entranhas de mim mesmo
acorrentado a esse meu vazio
e sem poder sair.
Assim me entendo e aceito e quero.
Fosse dado a cavernosas reflexões
em torno de cavernosíssimos problemas insolúveis
e seria assim. Fosse o tal que nunca leu sequer gíbi
mas cita Sócrates e Dante
e seria assim, sem mais nem menos.
Ora! isto sou eu com a soma de meus complexos e aflições;
um eu que não sei onde acaba
onde começa – mas que existe vertical pelas calçadas
e horizontal na cama. Eu, retorcido ou não,
sei lá eu.*

*O pensar
este é o que aparece em mim
e não some. Tenho cócegas na língua
e coço o pé. (Afinal, isto sou eu,
cheio de contrastes, assim mesmo.)
O pensar em mim depende do assunto
e se não há assunto os fabrico
quebrando copos
ou cuspiendo na indumentária do garçom.*

E aí.

O importante é o funcionamento da máquina pensante.

Essas questões de adultérios homicídios lenocínio

Homossexualismo, seja o que for.

me comovem a falta de outro assunto. Tenho que pensar

tenho que continuar pensando e ir guardando tudo,

para esconder em mim o falar e o olhar

e mais: a morte.

(TORQUATO NETO, 2004:51-52)

Neste poema, Torquato, já no início dos anos 1960, apresenta uma perspectiva de ruptura, onde denota sua não adaptação a uma série de valores presentes no mundo em que está inserido. Se mostra inquieto com o fosso existente entre suas ideias e as práticas que, de maneira ordinária, presentificavam-se ao seu redor. Esta sua fase, anterior ao que se poderia chamar de *fase tropicalista*, corresponde ao momento em que, ainda vivendo na Bahia como estudante, relacionava-se com uma série de escritos de autores famosos, os quais contribuem na sua formação subjetiva. Embora tais conceitos ainda não tivessem divulgação em sua época, Torquato pode ser visto sob o viés de um desmembramento do próprio corpo físico, articulando-se em um ser mais subjetivo do que propriamente material. Sendo um “corpo sem imagem”, “sem órgãos”, “antiproduzido”, o poeta se apresenta como alguém em constante conflito com as *máquinas desejanter*, as perspectivas de tempo, espaço, comportamento, práticas sociais, que se tinham como verdadeiras e corretas na época em que vivia. Nesse sentido, ao ver-se inquieto, “quebrando copos ou cuspiendo na indumentária do garçom”, reage de maneira repulsiva a essas máquinas desejanter, caracterizando-se, portanto, no que Deleuze e Guattari concebem como *máquinas paranoicas*, o que se configura como uma “acção violenta das máquinas desejanter sobre o corpo sem órgãos e a reacção repulsiva do corpo sem órgãos que a sente globalmente como um aparelho de perseguição” (DELEUZE & GUATTARI, 2004:14).

Reativo aos aparelhos subjetivos de perseguição, que enxergava em toda e qualquer padrão de comportamento, Torquato Neto sente-se deslocado de seu mundo, sendo aquilo que, segundo ele, “não desejaria nunca sua mãe”. A presença materna de dona Salomé, a quem Torquato dispensa uma atenção especial desde a infância, se mostra em outra de suas enunciações da morte. Na letra de “Mamãe, Coragem”, é possível encontrar um recado do poeta à própria mãe, a quem aconselha ter força e coragem quando se der a sua partida:

*Mamãe mamãe não chore
A vida é assim mesmo
Eu fui embora
Mamãe mamãe não chore
Eu nunca mais vou voltar por aí
Mamãe mamãe não chore
A vida é assim mesmo
E eu quero mesmo
É isso aqui*

*Mamãe mamãe não chore
Pegue uns panos pra lavar
Leia um romance
Veja as contas do mercado
Pague as prestações
– ser mãe
É desdobrar fibra por fibra
Os corações dos filhos,
[...]
(TORQUATO NETO, 2004:95-96)*

O sentimento autofágico do poeta, que já aponta, desde jovem, a possibilidade de ir-se mais cedo, pode se relacionar com a perspectiva de entender a morte como um *desejo* latente. Uma vez que, como colocam Suely Rolnik e Félix Guattari, ao mundo bruto do desejo se opõe o mundo construído a partir do ordenamento social, de julgamento e de ego (GUATTARI & ROLNIK, 1996), a morte enquanto desejo é vista como uma ruptura com o padrão socialmente estabelecido, e que põe a vida como uma perspectiva básica do humano – viver como uma luta constante contra o fim. Se a morte é inevitável, se há uma consciência de que vencê-la é impossível, mesmo assim, há o desejo humano constante de tentar burlá-la, adiá-la, ultrapassá-la. Sempre na contramão, Torquato Neto intenta enfrentá-la, não como inimiga, mas como uma constante à qual sabe e quer ir ao encontro. Forja a morte enquanto sua acompanhante, aquela que se faz presente e se materializa em seu discurso, inventa-a enquanto personagem e enquanto fim ao qual aderirá, e ao qual anuncia constantemente sua adesão. Dessa maneira, Torquato faz da escrita uma possibilidade de compor um espaço conforme seu querer, subjetivando seu próprio corpo sobre uma folha de papel em branco, fazendo-o transformar-se em escritura (CERTEAU, 1994:300).

Ao ato de enunciar a morte pode-se associar, também, uma atitude representativa na poética de Torquato Neto. Ao passo que prefigura no papel seus sentimentos, desejos e

angústias, formula ali uma presentificação do objeto ausente. Na canção *Para dizer adeus*,⁴ representante da bossa nova enquanto estilo musical, Torquato articula a ideia de fim à perspectiva romântica, dando a ler, mesmo assim, a possibilidade do fim definitivo, quando fala:

*Adeus,
Vou pra não voltar
E aonde quer que eu vá
Sei que vou sozinho
Tão sozinho amor
Nem é bom pensar
Que eu não volto mais
Desse meu caminho.*
(TORQUATO NETO, 2004:105)

Sob outro tom, mas com a mesma perspectiva, *Quase adeus*⁵ é uma representação mais direta do fim definitivo. Nela, Torquato se coloca em posição de despedida dos seus entes queridos, vislumbrando na morte uma possibilidade de enxergar “um novo amanhecer, como se o amanhecer fosse acabar”. Dando um “quase adeus a quem vai ficar”, o poeta diz, em entrelinhas, que a saudade deixada pela sua partida não seria, também, um ato completo de fim. A expressão “quase” estabelece, na canção, a ideia de não completude, dando a entender o objetivo do poeta de não definir sua partida como um fim em si, mas como um reencontro com aquilo que já lhe causava falta. Afirma: “volto a ouvir a voz de quem não fala mais”. O que deixa para trás é “um tempo que passou e não valeu”. Deixará, portanto, “tudo como está”, num ato de quase terminar com aquilo que iniciara, visto que abandonaria cedo suas antigas ideias de continuidade. Daria, definitivamente, um “quase adeus” (TORQUATO NETO, 2004, p. 139).

Em ambas as canções, são perceptíveis as múltiplas facetas com as quais a morte se apresenta o poeta. Se em *Pra dizer adeus*, mesmo de maneira menos clara, afirma que seu fim será para sempre, um “adeus pra não mais voltar”, em *Quase adeus*, ele suscita a possibilidade de algo além da vida, de um fim que enunciaria um recomeço, representado pelo

⁴ Música gravada por Elis Regina, no álbum *Elis* (1966); por Edu Lobo e Maria Bethânia, em *Edu e Bethânia* (1966); por Edu Lobo, numa versão em inglês, intitulada “To say goodbye”, no disco *Sergio Mendes presents Lobo* (1970); pelo mesmo cantor, em parceria com Tom Jobim, no álbum *Tom & Edu* (1981); e pelo grupo Nouvelle Cuisine, no álbum *Free Bossa* (2000).

⁵ Canção inédita, composta por Torquato Neto e Nonato Buzar em 1970, contando, também, com a parceria de Carlos Monteiro de Souza.

“novo amanhecer”. A dicotomia entre serenidade e medo ante a possibilidade da morte é uma atitude que marca outro texto do poeta. Em *Estou sereno, estou tranqüilo*, canção inédita, composta em 1967, em parceria com Toquinho, Torquato se entrega a reflexões introspectivas a respeito do fim, compreendendo sua própria atitude apática perante o mundo que o rodeia como um sintoma de sua incerteza na continuidade do curso da vida:

*Estou sereno, estou tranqüilo, estou contente
Nesta manhã nascendo devagar
Andei calado triste indiferente
E de repente esta vontade de cantar
Um samba de Ismael, uma ciranda
Uma toada de Gonzaga: A asa branca
Riacho de navio, Luar de Paquetá
Estou sereno, estou tranqüilo, estou contente
Nesta manhã nascendo devagar
Mas de repente uma certeza me espanta
Ninguém mais canta e eu sozinho
Não posso cantar
Ai quem me dera que hoje fosse dia
De eu ser feliz de eu ser feliz humildemente
Cantando com vontade e alegria
Em companhia de toda a gente
Ai quem me dera que outra vez na vida
Meu coração não se perdesse à toa
E que eu soubesse muito bem que é muito boa
Essa cantiga nova que inventei
Estou sereno, estou tranqüilo, estou contente
Mas só Deus sabe até que dia estarei.*
(TORQUATO NETO, 2004:149)

Estas diferentes maneiras de encarar o fim da própria vida permeiam as leituras e os escritos de Torquato, não apenas sob a formatação poética e musical. Escritor compulsivo, o poeta registrava em cadernos boa parte de suas sensações cotidianas, possibilitando a leitura de um inventário de sua própria vida. Para além das considerações a respeito das artes de seu tempo, onde ele aparece, constantemente, segundo Paulo Roberto Pires, “confrontando os ‘nós’ de sua geração” (TORQUATO NETO, 2004:293), é possível entrever algumas considerações de caráter mais intimista, onde Torquato olha para dentro de seus hábitos, versando sobre o rumo que tomavam os dias de sua vida, sua relação com a família e com as questões nacionais e mundiais. Em texto escrito numa das madrugadas durante sua estada em Paris, em 1969, onde passa algum tempo morando com a esposa, Ana, Torquato escreve:

sento-me para escrever. estou apenas ligeiramente tonto, ainda – e em paris são apenas quase duas horas da manhã e ana está na cama deste quarto de hotel, lendo

uma revista e sofrendo grandes sentimentos sobre mim. ontem foi o aniversário da alzira: nos reunimos aqui mesmo, com mais flávio, ana, joão, paulo, rosé e ronaldo. mais tarde fomos para a casa da neli e quando voltamos o inferno instalou-se e eu morri. hoje fui à cinemateca ver week-end de godard e achei que vi finalmente um filme sobre a teoria da guerra, da saudosa memória. gostaria muito, portanto, de deixar claro que hoje e que amanhã a briga recomeça. gostaria de escrever isto, mas é difícil e eu me sinto culpado de estar aqui nessa cidade e cansado de viver como vivo, isso não vem ao caso mas é muito mais importante (TORQUATO NETO, 2004:297).

É importante observar no texto que Torquato trava uma luta constante contra as intempéries que enxergava na lida diária da vida. Parece a ele difícil engatar um dia no dia seguinte, estabelecer ações com continuidade e projetos realizáveis a longo prazo. A aparente insatisfação em estar em Paris, naquele momento, não revela apenas um sentimento de desterritorialização geográfica, mas, principalmente, um deslocamento psicológico, que se pode notar no trecho em que fala: “me sinto culpado de estar aqui nessa cidade e cansado de viver como vivo, isso não vem ao caso mas é muito importante”. O subtexto aponta um Torquato Neto que não vive, mas *sobrevive*. Sua angústia existencial ultrapassa as próprias questões materiais, e se transformam em um flagelo identitário, onde os significados das palavras que enuncia aparecem como seus alçózes cotidianos. “Em suas tentativas desesperadas de encontrar respostas para os dilemas das relações sociais no interior da linguagem, verifica, desalentado, os embates da sintaxe com a semântica” (QUEIROZ, 2006:257), e transforma o ato de escrever em uma espécie de catapulta para as situações seguintes – ação que pode ser encarada como algo que ainda o mantinha ligado à vida, o que se observa na leitura da continuação do texto:

[...] e eu estou escrevendo porque é a única coisa que posso fazer agora e porque me apraz. estou muito cansado e não tenho nenhuma pergunta a fazer nem tenho uma única resposta diferente. flávio ouviu no rádio e ana me contou que no brasil o presidente está paralisado, o vice-presidente não assumiu e uma junta militar tomou a presidência. mas é provisório, torquato neto. e eles vão qualquer dia arrumar outra solução, brasileira, mulata e sentimental. por isso não posso pensar em escrever o meu filme (que talvez nunca faça porque estou mais velho do que me imagino e porque estou condenado à grande morte) e (mais), devo continuar observando o escuro. de qualquer modo penso, e estou vivo, ana deve pensar que não, que morri definitivamente mas ela não terá coragem de acreditar, porque é mentira, ela sabe que eu vim ao mundo e que é diferente, porque ainda faltam certos acabamentos que estou aqui para providenciar. isto me deixa perplexo na medida em que eu vou indo mais não tenho clareza nenhuma sobre como e porquê (TORQUATO NETO, 2004:297).

Não é possível deixar de notar que, em sua fala, Torquato Neto, além de enunciar a si mesmo como uma articulação viva entre atitudes materiais e atividades escriturísticas, se coloca como alguém que está vivo desempenhando uma missão. Entre o mundo sub e o supralunar, aparenta estar preocupado, mesmo distante, com as coisas que aconteciam, politicamente, no Brasil, quando cita o problema de saúde do presidente Artur da Costa e Silva, que o afasta do cargo, e leva uma Junta Governativa ao poder, provisoriamente.⁶ Este viés espiritual que se pode, semioticamente, enxergar contido no trecho em que fala da angústia de sua esposa perante seu estado psicológico pode relacionar-se com a própria descrição poética de seu nascimento, e daquilo que lhe foi entregue conduzir durante a vida, publicada na edição de 19 de janeiro de 1972, na coluna *Geléia geral*:

*[...] Quando eu nasci
Um anjo louco morto
Louco solto louco
Veio ler a minha mão:
Não era um anjo barroco:
Era um anjo muito pouco,
Louco, louco, louco, louco
Com asas de avião;
E eis que o anjo me disse
Apertando a minha mão
Entre um sorriso de dentes:
Vai bicho:
desafinar do coro dos contentes. [...]*
(TORQUATO NETO, 1973:46)

O que, literariamente, poderia ser visto apenas como uma intertextualidade com o *Poema de sete faces*, de Carlos Drummond de Andrade, é, nos escritos de Torquato Neto, algo mais: um significado latente de vivência intensa, conflitante e rápida. O conteúdo dos cadernos que Torquato mantinha era aquilo que, possivelmente, o poeta possuía de mais particular, restando à guisa de publicação e análise apenas aqueles que escaparam da ânsia destrutiva dos seus últimos dias. De maneira diversa, em 1970, quando, assolado pela depressão, a bebida e as tentativas de suicídio, Torquato se interna no Hospital Psiquiátrico Pedro II, no Engenho de Dentro, subúrbio carioca, tinha a clara intenção de que o diário que manteve fosse lido. Para Paulo Roberto Pires, o material tem uma clara intenção de “transmitir de alguma forma uma experiência-limite importantíssima para Torquato, desde

⁶ O mandato de Artur da Costa e Silva foi declarado encerrado, em 31 de setembro de 1969, através do Ato Institucional nº 16/69, por conta de problemas de saúde do então Presidente da República.

sempre preocupado com – e assombrado pela – temática da loucura” (TORQUATO NETO, 2004:319). É dessa forma que os escritos sobre o início da vida, as angústias terrenas e seu fim tomam parte como a última das dicas existenciais lançadas pelo poeta aos jovens de seu tempo, e, certamente, aquelas que maior teor lírico guardam em seu interior.

Vida e morte como forças em uma constante batalha interna. Era assim que as sensações de Torquato se apresentam quando de sua internação no Engenho de Dentro. É marcante nos escritos do diário a presença da morte enquanto uma *decisão*, numa luta constante da vida, vista enquanto uma *vontade*. Cabe observar, na maior parte dos fragmentos retirados desse momento do poeta, as pulsões da morte indo no sentido oposto à da vida: a depressão e a animação corroendo-se mutuamente, em momentos distintos. Aqui, o próprio ambiente, bem como o ócio de Torquato, contribuía para as reflexões lançadas por ele. O primeiro destes fragmentos, datado de 07 de outubro de 1970, o primeiro dia que o poeta passou no local, contém, a título de exemplificação, um dos mais marcantes debates internos travados por ele a respeito de si próprio e de sua condição:

um recorte do meu bolso, escrito ontem cedo, ainda em casa: “quando uma pessoa se decide morrer, decide, necessariamente, assumir a responsabilidade de ser cruel: menos consigo mesmo, é claro, é difícil, pra não ficar teorizando feito um idiota, explicar tudo. é chato, e isso é que é mais duro: ser nojento com as pessoas a quem se quer mais bem no mundo.

o recorte acaba aí. hoje, agora, estou fazendo tempo enquanto os remédios que tomei fazem efeito e vou dormir. este sanatório é diferente dos outros por onde andei – talvez seja o melhor de todos, o único que talvez possa me dar condições de não procurar mais o fim da minha vida. soube hoje que o rogerio esteve aqui, antes. preciso muito conseguir explicar ao médico tudo o que é necessário. se eu não escapar desta vez – estou absolutamente certo de que jamais conseguirei outra. ainda hoje, no entanto, sentado aqui, escrevendo, paro e vejo bem lá dentro de mim, acesa, a luz que me guia para a destruição. não tenho vontade de viver, mas quero. não sei por que continuar, mas quero. alguém vai ter que me explicar alguma coisa e é por isso que vou ficar aqui, até que Deus dê bom tempo. não sei de nada. não quero viver, mas preciso. preciso aprender e talvez aprenda aqui, com os médicos daqui e em companhia dessa gente com quem aprenderei a conversar, conviver e aprender. ou talvez não seja nada disso. ou talvez eu nem sequer mereça nada e continue perdendo o tempo destinado ao tempo de além de mim, sem mim, nos braços do deus desconhecido, o que vai me receber em seus braços e me aquecer para sempre. ou talvez não, e eu precise desse tempo agora. sei que a estas alturas boa parte do meu cérebro já está definitivamente corroído pela bebida. minha memória não vale mais nada e uma simples notícia de jornal tem que ser lida duas, três vezes para que eu entenda alguma coisa. no entanto, mesmo assim, eu precise realmente desse tempo e do que virá: nem que seja, pelo menos (TORQUATO NETO, 2004:321-322).

O texto é marcado pela crise existencial presente em Torquato, no momento em que o escreve. Não lhe pertence uma leitura de si próprio que fuja da perspectiva de autodestruição, uma vez que lhe afetam uma série de questões, próprias de suas circunstâncias psicológicas, colocando-o no limiar que separa os lados de dentro e de fora daquilo que, via de regra, fazemos, pensamos e dizemos. Agindo para além da *dobra*, Torquato Neto não via, entre os lados de dentro (a vida) e de fora (a morte) uma separação, mas confusão, inversão e intercâmbio (DOMÈNECH; TIRADO, GÓMEZ, 2001:132), que lhe causava angústia e sensação de fim próximo. Nos primeiros escritos de seu diário, o poeta se vê dividido entre a escolha pelo fim e a responsabilidade por uma decisão que não lhe envolveria, apenas. É perceptível uma crise de consciência em sua pré-atitude, onde pensa em seus entes queridos, e no fardo que carregaria ao “assumir a responsabilidade de ser cruel: menos consigo mesmo, é claro”. Estão presentes no texto, também, as crenças e temores religiosos existentes na psicologia complexa de Torquato Neto, quando coloca Deus (a única palavra em seu texto que aparece iniciada com letra maiúscula) como aquele que definiria sua decisão de “ficar por aqui”, à espera de um “bom tempo”. Logo à frente, no entanto, a mesma imagem sagrada aparece, escrita com letra minúscula, representando a entidade que o receberia em seus braços, e o aqueceria para sempre. Talvez, ao poeta, haja uma dubiedade na própria figura divina, entre o *Deus* institucionalmente conhecido pela tradição católica, que refuta a possibilidade de os homens assumirem suas decisões perante a própria vida, e aquele *deus*, numa perspectiva menos cerimonial, que o receberia de braços abertos, apesar de ter, ele próprio, decidido deixar o mundo material. Entre tantas subjetivações da vida e da morte, é também no ano de 1970 que Torquato escreve o *Poema do aviso final*, cujo conteúdo em muito se relaciona com o fragmento de seu diário acima citado:

*É preciso que haja alguma coisa
alimentando meu povo:
uma vontade
uma certeza
uma qualquer esperança
É preciso que alguma coisa atraia
a vida ou a morte:
ou tudo será posto de lado
e na procura da vida
a morte virá na frente
e abrirá caminho.
É preciso que haja algum respeito*

*ao menos um esboço:
ou a dignidade humana se firmará a machadadas.*
(KRUEL, 2008:251)⁷

Como é possível observar, as teias do mundo não comportavam um poeta que, além de dividido entre a vida e a morte, aparentava preocupado com aquilo que, porventura, deveria prender o ser humano ao mundo físico (“É preciso que alguma coisa atraia / a vida ou a morte: / ou tudo será posto de lado / e na procura da vida / a morte virá na frente / e abrirá o caminho.”). Em momentos como esse de sua vida, especialmente naqueles em que esteve enclausurado no hospital psiquiátrico, Torquato continuava antenado com os acontecimentos do mundo que existia além de seus muros. Outra presença constante em seus escritos finais é a relação que mantinha com seus ídolos da música. Um exemplo claro disso é a morte de Jimi Hendrix, da qual o poeta trata no texto que escreve em seu diário a 14 de outubro do mesmo ano, apontando sua ainda frágil concepção de vida:

onde, em mim, a morte de jimi hendrix repercutiu com mais violência? há mais de um ano, em londres, eu havia dito com absoluta certeza: ele vai morrer. onde, em jimi hendrix, eu vi o espectro da morte? eu havia estado com ele, carlo e Noel – mais um três sujeitos naquele enorme apartamento de Kensington e quase não falamos nada durante todo o tempo em que fumamos haxixe e escutamos aquele álbum branco dos Beatles e mais alguns discos que não me lembro – nem poderia lembrar. por que é que eu não sei, mesmo agora, escrever qualquer coisa a mais hendrix, a não ser que, naquele dia, conferi a perfeita extensão de sua música em sua cara – obedecendo à ordem com que as duas coisas me foram apresentadas? eu sei que não posso escrever jamais qualquer coisa sobre esse encontro, sobre a tremenda cortição daquela noite etc. etc. etc. agora que o homem está morto, menos ainda. Eu não ousaria – como não ousou sequer contar esse fato aos poucos amigos que ainda tenho. Interessa agora saber o seguinte: por que, diante do impacto que o conhecimento pessoal, social com o homem produziu sobre mim, a ponto de não conseguir, depois, pelo menos “recordar” o tempo aproximado que estivemos, eu e carlo, naquele apartamento – por que – sabendo já de antemão sobre jimi hendrix, – por que ainda me surpreendi e me abalei com a notícia de sua morte, no dia dela? ou seja, voltando ao início: onde, em mim, notícia de sua morte conseguiu repercutir ainda com violência, me pegando de “surpresa”? a gente sabe que toda morte nos comunica uma certa sensação de alívio, de descanso. não existe, pra mim, a menor “diferença” entre o hendrix que eu ouvia antes e o que posso ouvir agora, depois de sua morte. ele sempre foi claro demais, limpo, preto. eu disse: o homem vai morrer, e não demora mais dois anos. beneto e ana ouviram, em londres (TORQUATO NETO, 2004:324-325).

Torquato Neto sente dificuldades em recordar de algumas passagens de seu encontro com Jimi Hendrix. Em parte, resultado do haxixe consumido, mas, principalmente,

⁷ O poema, musicado e registrado em parceria com Gomes Brasil, James Brito e Mike Soares, é gravado por Cláudia Simone, no CD coletivo *Torquato Neto – Só Quero Saber do que Pode dar Certo – 60 Anos*, em 2005.

pelo impacto que lhe causa a notícia de morte. As lembranças do fato ocorrido se manifestam no poeta de maneira fragmentária, fazendo com que este, pego de surpresa pela notícia do fim, sintasse impossibilitado de relatar com detalhes aquilo que presenciou e praticou há pouco mais de um ano antes, em Londres. No entanto, Torquato não enxerga na morte de Hendrix um marco que transformaria sua imagem enquanto artista: “não existe, pra mim, a menor ‘diferença’ entre o Hendrix que eu ouvia antes e o que posso ouvir agora, depois de sua morte” – o que leva à reflexão sobre a construção de mitos em torno daqueles que se vão, processo do qual o próprio Torquato Neto seria uma vítima *a posteriori*.

As sensações a respeito do fim, porém, são assoladas por uma breve onda de otimismo, quando Torquato recebe alta do hospital, e se vê diante de algumas possibilidades. É um dos raros momentos em que, nesta fase, os escritos do poeta apontam para algo bom que pode emanar da vida terrena. E é sob o pretexto de defender a vivência intensa de um dia após do outro, e que aquilo que vivenciou serviria de experiência e fortaleza para situações futuras que, no dia 12 de novembro de 1970, coloca:

anoto que saí hoje do hospital, todo esse tempo depois. é tudo como é: aqui estar, de volta em volta como sempre, mais uma vez. não sei direito, hoje, o que pode surgir disso tudo. sei o que isso significa e quanto pesa a mais para a adição (paralela à contagem regressiva?) do chamado acúmulo de experiências. acontece que não se vive intensamente sem punição; não se experimenta o perigo sem algo mais do que o simples risco, nem se morre por isso de repente. não estou, portanto, em condições de explicar nada. é preciso descobrir por que tudo. organizar então e deslocar a minha experiência, as minhas experiências, numa direção xis, para. como todo dia é dia D, e disso estou certo, concluo com este “cinismo” lógico: daqui pra frente, podem crer, posso crer, tudo vai ser diferente. torquato rides again! upa, upa! (TORQUATO NETO, 2004:326)

É uma fase curta, no entanto. Dezembro se aproxima e Torquato, mesmo fora do hospital psiquiátrico, continua atormentado pelas ideias de fim. Nesse momento, os “imprevisíveis significados” da linguagem reaparecem como aquilo que lhe levaria, fatalmente, às prescrições sociais derradeiras. É nesse final que o poeta aparenta estar consumido pelos próprios escritos, onde intenta destruir aquilo que produziu e, num refluxo de desespero, vê que não é suficiente – a destruição de si mesmo é a única forma de explodir junto com a linguagem:

tudo continua. continua parado no centro de minhas especulações, e não sei dizer se já consegui me desfazer de qualquer uma delas. estou morrendo. mais uma vez eu morro soterrado em minhas perplexidades – não sei para o quê estou – e deixo

andar. é preciso que eu adquira condições que me permitam sobreviver? tenho conseguido sobreviver até aqui, mas... o que vivo, o que consigo escrever, o que posso ir sendo são meus bens. não disponho de outros. o que não sou me mata: assim, assado, sempre: tudo continua como sempre, o mesmo esquema para o fim, a mesma vida de cocô melado, a mesma merda. só deus pode me salvar, mas eu não conheço deus nem sei onde procurá-lo. disse que estou morrendo – uma vez mais – vivo só pra isso (TORQUATO NETO, 2004:327-328).

Mais do que nunca, neste texto, do dia 09 de dezembro de 1970, o espectro da morte ronda o poeta e faz com que ele se aproxime dos dias finais. Este denota, angustiado, a existência de seus bens mais preciosos – e da sua própria existência no mundo material – naquilo que escreveu. É nesses termos que observamos, em suas enunciações da morte, a presença do que fala Michel de Certeau. Embora, para ele, a morte permaneça como uma entidade inominável, ela “escreve-se no discurso da vida, sem que seja possível atribuir-lhe um lugar particular” (CERTEAU, 1994:302). O sentido de se ver levado pela linguagem, conduzido pelo discurso, em suas armas e armadilhas, é um elemento que aproxima Torquato Neto de Michel Foucault, o filósofo francês que, em seus escritos e atitudes, “quer abrir a possibilidade de se experimentar e pensar o novo, o diferente, o ‘mau costume’” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007:128).

Assim como anuncia Foucault, em sua aula inaugural do Colège de France (1996:79), é na busca por ter uma voz que o precedesse, também, que Torquato Neto jorra em uma escrita de si (GOMES, 2004), que, para além de localizá-lo na Paupéria, busca extrapolar seus limites. A última prescrição social do poeta pode ser lida como sua evasão ao seu próprio tempo, aos signos que o constituem, aos modos de agir que entrelaçam as pessoas e coisas nele presentes. Há marcas, em seus textos, desse tempo fragmentado, que se mostra também nos seus fragmentos de vida, na sua inconstância psicológica, nos fiapos de história que ele tenta alinhar ao seu medo de encontrar-se com a linguagem-algoz de sua existência. Pela última vez – pelo menos em vida terrena – Torquato Neto reverbera um grito aos seus contemporâneos, onde afirma que a barreira da morte não o limita. Provavelmente, é quebrá-la, extrapolá-la, que o liberta.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. Os “maus costumes” de Foucault. In: _____. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história*. Bauru: Edusc, 2007. p. 113-131.

_____. Escrever como fogo que consome: reflexões em torno do papel da escrita nos estudos de gênero. In: *Anais do IV Encontro Nacional de Estudos de Gênero e Sexualidades*. João Pessoa, UFPB, 2008.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 – artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.

DOMÈNECH, Miguel; TIRADO, Francisco; GÓMEZ, Lucía. A dobra: psicologia e subjetivação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 111-136.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Colège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Loyola, 1996.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. São Paulo: FGV, 2004. p. 07-23.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Do singular ao plural*. Recife: Bagaço, 2006.

RIOS, Lena. Depoimento. In: KRUEL, Kenard. *Torquato Neto ou A Carne Seca é Servida*. Teresina: Zodíaco, 2008.

SALOMÃO, Waly. Cave canem, cuidado com o cão. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 05 nov. 1995. p. 13

TORQUATO NETO. *Os últimos dias de Paupéria*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

_____. *Torquatália: obra reunida de Torquato Neto. v. I. Do lado de dentro*. Organização: Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

_____. *Juvenílias*. Organização: George Mendes, Durvalino Filho, Dina Falcão Costa, Thiago E. Teresina: UPJ, 2012.